



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Breaking News #24

Mulheres, Tecnologia e Segurança

FEVEREIRO DE 2019

Sobre o CEBRI

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente, que contribui para a construção da agenda internacional do Brasil. Há vinte anos, a instituição se dedica à promoção do debate plural e propositivo sobre o cenário internacional e a política externa brasileira.

O CEBRI prioriza em seus trabalhos temáticas de maior potencial para alavancar a inserção internacional do país à economia global, propondo soluções pragmáticas na formulação de políticas públicas.

É uma instituição sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro e reconhecida internacionalmente. Hoje, reúne cerca de 100 associados, que representam múltiplos interesses e segmentos econômicos, e mobiliza uma rede de profissionais e organizações no mundo todo. Além disso, conta com um Conselho Curador atuante e formado por renomados diplomatas, intelectuais e empresários.

www.cebri.org

EQUIPE CEBRI Diretora Executiva: **Julia Dias Leite** | Gerente Geral: **Luciana Gama Muniz** | **PROJETOS** > Coordenadora: **Monique Sochaczewski** | Coordenadora: **Cintia Hoskinson** | Assistentes: **Carlos Arthur Ortenblad Jr.**; **Gabriel Torres**; **Teresa Rossi** | Estagiários: **Luiz Gustavo Carlos**; **Mônica Pereira** | **COMUNICAÇÃO** > Coordenadora: **Carla Duarte** | Consultor: **Nilson Brandão/Conteúdo Evolutivo** | Estagiária: **Nathália Miranda Diniz Neves** | **EVENTOS** > Coordenadora: **Giselle Galdi** | Assistentes: **Beatriz Garcia** | Estagiária: **Danielle Batista** | **INSTITUCIONAL** > Coordenadora: **Barbara Brant** | Consultora: **Gina Leal** | **ADMINISTRATIVO** > Coordenadora: **Fernanda Sancier** | Assistente: **Ana Beatriz Paiva** | Serviços Gerais: **Maria Audei Campos**

FICHA TÉCNICA BREAKING NEWS Editora Executiva: **Julia Dias Leite** | Coordenação editorial: **Luciana Gama Muniz**; **Monique Sochaczewski** | Apoio editorial: **Mônica Pereira** | Texto: **Gabriel Torres** | Revisão técnica: **Carlos Arthur Ortenblad Jr.** | Projeto Gráfico: **Presto Design**

Todos os direitos reservados: CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS - Rua Marquês de São Vicente, 336 - Gávea - Rio de Janeiro / RJ - CEP: 22451-044 Tel + 55 21 2206-4400 - cebri@cebri.org.br - www.cebri.org

Nesta edição, o CEBRI Breaking News relata o evento “Mulheres, Tecnologia e Segurança”, realizado em parceria com o Consulado-Geral da Irlanda em São Paulo e o Instituto de Relações Internacionais (IRI) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). O seminário contou com a participação no primeiro painel de Ann O’Dea, fundadora e CEO da *Silicon Republic*, de Luisa Ribeiro, CEO da *Recode* e de Debora Albu, pesquisadora do Instituto de Tecnologia & Sociedade (ITS) do Rio de Janeiro.

O evento contou, ainda, num segundo painel, com palestras proferidas por Irene Giner-Reichl, Embaixadora da Áustria no Brasil, e Renata Giannini, Coordenadora de Segurança Pública e Justiça do Instituto Igarapé. Os painéis do seminário foram introduzidos e moderados por Monique Sochaczewski, Coordenadora Acadêmica e de Projetos do CEBRI.

Na ocasião, além de analisar as causas e custos da baixa participação feminina na área de tecnologia, as palestrantes enfatizaram o contínuo desafio do combate à violência contra mulheres ao redor do globo, a qual alcança o mundo digital e as redes sociais. Neste processo, instituições multilaterais e políticas públicas sensíveis a desigualdades de gênero têm importantes papéis a desempenhar, como previsto nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável ou na Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer às palestrantes e ao público geral presente no seminário, bem como ao Consulado-Geral da Irlanda em São Paulo e ao Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio pela parceria na realização deste evento.

Breaking News #24

Mulheres, Tecnologia e Segurança

FEVEREIRO DE 2019

Participação feminina no setor de tecnologia

A chamada “curva sorriso” demonstra que os ganhos advindos da inserção em cadeias globais de valor concentram-se, sobretudo, em atividades relacionadas à pesquisa e desenvolvimento (P&D). Deste modo, setores ligados à ciência, tecnologia e inovação possuem valor estratégico do ponto de vista da inserção internacional qualitativa de qualquer país. Entretanto, o acesso a carreiras em áreas relacionadas à inovação – ciências, tecnologia, engenharias e matemática (“*STEM*”, na sigla em inglês) – apresenta forte desequilíbrio de gênero, com barreiras diversas à entrada de mulheres.

Segundo estudo da *Catalyst*, menos de um terço dos empregos na área de pesquisa e desenvolvimento é ocupado por mulheres. Nos EUA, mulheres representam menos de um quarto dos empregados nas áreas de *STEM*, sendo o desequilíbrio de gênero mais profundo nas áreas de engenharia e ciência da computação. Ainda, mesmo as mulheres que trabalham em *STEM* são sujeitas a diferenciais salariais significativos, recebendo cerca de 80% dos salários pagos a homens em posições equivalentes nestas áreas. Para além das desigualdades no acesso a carreiras, a retenção e ascensão feminina nestes setores também representa desafio: cerca de 53% das mulheres que iniciam carreiras em setores intensivos em tecnologia migram para outras indústrias após cerca de dez anos.

Para Ann O’Dea, fundadora e CEO do periódico *Silicon Republic*, a falta de diversidade dentro de empresas que atuam em *STEM*, além de ferir direitos humanos, é prejudicial ao próprio faturamento das empresas. Segundo estudo da consultoria McKinsey, empresas compostas por grupos com diversidade de gênero são 15% mais propensas a obter retornos financeiros superiores a seus pares. Similarmente, empresas culturalmente diversas apresentam 35% de chance de obter retornos superiores a outras empresas. Ainda, estimativas indicam que, na hipótese de que a paridade de gênero no mercado de trabalho global seja alcançada até 2025, cerca de US\$ 12 trilhões seriam adicionados ao PIB global. “Isso não é apenas sobre filantropia ou responsabilidade social corporativa, é também uma questão de negócios”, ressalta O’Dea.

A reversão do quadro de desequilíbrio de gênero estrutural em *STEM*, bem como no mercado de trabalho em geral, é complexa e perpassa o engajamento de atores públicos e privados. Entre as medidas possíveis para atenuar este quadro, Ann O’Dea ressalta a criação, no meio empresarial, de programas de mentoria e “patrocínio”, voltados ao empoderamento e investimento em jovens talentos femininos dentro de empresas. Para Debora Albu, pesquisadora do ITS-Rio, outra possível medida envolve a adoção de políticas de cotas no Conselho de Administração de empresas, garantindo poder de decisão a mulheres familiarizadas com as barreiras associadas à participação feminina. Ainda, a Embaixadora Irene Giner-Reichl assinala a importância da implementação dos Princípios de Empoderamento das Mulheres da ONU, voltados à incorporação de valores e práticas que visem a equidade de gênero no meio empresarial.

Entretanto, para combater a desigualdade de gênero em *STEM*, é preciso endereçar um

de seus aspectos centrais: estereótipos e mitos ainda existentes sobre os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres. Para Ann O’Dea, mitos sobre a “inaptidão feminina em ciências exatas” são fatores relevantes responsáveis por desencorajar o ingresso de mulheres em *STEM*, apesar de precedentes marcantes de pioneirismo feminino em inovação tecnológica ao longo da história: Ada Lovelace, primeira programadora de computadores, Grace Hopper, criadora do primeiro compilador de linguagens de programação, e Hedy Lamarr, co-inventora do sistema precursor do Wi-fi, são alguns exemplos. Neste sentido, com o intuito de ampliar a visibilidade de mulheres na área de tecnologia, participantes destacaram a importância da participação feminina em conferências e seminários, evitando painéis compostos exclusivamente por homens. “Você não pode ser o que não vê”, argumenta O’Dea.

CONTEÚDO RECOMENDADO

Benefícios econômicos da paridade de gênero

Estudo realizado pela consultoria McKinsey & Company estima os ganhos para o crescimento econômico global associados à paridade de gênero no trabalho e na sociedade em escala global.

How advancing women’s equality can add \$12 trillion to global growth



Foto: McKinsey & Company

<https://www.mckinsey.com/featured-insights/employment-and-growth/how-advancing-womens-equality-can-add-12-trillion-to-global-growth>

Adicionalmente, medidas eficazes para combater desigualdades de gênero devem atentar para o fato de que mulheres não compõem um grupo totalmente homogêneo. Para Debora Albu, o conceito de *interseccionalidade*, cunhado por Kimberlé Crenshaw no final da década de 1980, oferece ferramenta útil para analisar a diversidade de identidades femininas e como determinados grupos são particularmente excluídos e discriminados. “Quando pensamos em mulheres, precisamos pensar em mulheres negras, indígenas, com deficiências; precisamos pensar em sexualidade, em quais territórios ocupam”, elenca Albu.

Deste modo, para além do desequilíbrio de gênero em setores ligados ao desenvolvimento tecnológico, Debora Albu ressalta as desigualdades observadas também no acesso a tecnologias, que atingem principalmente determinados grupos de mulheres. Neste sentido, Luisa Ribeiro destaca o papel desempenhado pela Recode, organização social voltada ao empoderamento digital e que, ao longo da década de 1990, contribuiu decisivamente para a inclusão digital de jovens em situação de vulnerabilidade social no Brasil. A CEO destaca, porém, que atualmente o acesso a tecnologias não é mais o desafio central, mas sim a conscientização sobre o uso proveitoso destas tecnologias como ferramentas de empoderamento.

Violência contra as mulheres e a agenda multilateral de gênero

“A violência contra as mulheres está fundamentada na desigualdade de gênero”, reflete Renata Giannini, Coordenadora de Segurança Pública e Justiça do Instituto Igarapé. Apesar de progressos em âmbito internacional e doméstico, a violência contra mulheres permanece um problema global de proporções marcantes. A Embaixadora Irene Giner-Reichl lembra os seguintes dados: 35% das mulheres sofreram violência física ou sexual em suas vidas e pelo menos 200 milhões de mulheres em 30 países tiveram seus órgãos sexuais mutilados. Ainda, mais de 70% das vítimas de tráfico de pessoas ao redor do globo são mulheres e meninas.

A violência perpetrada contra mulheres encontra reflexo também no mundo digital e nas redes sociais. “A violência online se baseia nos mesmos mecanismos perniciosos que o mundo real, refletindo expectativas sociais com relação ao comportamento e papel de mulheres”, argumenta Giannini. No mundo digital, inteligência artificial e algoritmos podem reforçar vieses de gênero e incentivar conteúdo discriminatório. Sites de busca e algoritmos, por exemplo, podem apresentar vieses sexistas ou preconceituosos: “Algoritmos são feitos a partir de vários critérios, porém espelham a opinião pública e essa é, muitas vezes, centrada em visões sexistas e discriminatórias”.

Nas redes sociais, a violência contra a mulher frequentemente assume a forma da difamação ou assédio *online*, que impactam mulheres de forma diferenciada em relação a homens. Entretanto, Giannini lembra que os debates sobre regulação de conteúdo ofensivo na internet, que não dispõe de sistema robusto de “*checks and balances*”, frequentemente esbarram em argumentos sobre a liberdade de expressão. Por outro lado, as redes sociais também podem exercer função positiva como ferramenta para a mobilização e o empoderamento feminino. Neste sentido, Giannini notou o uso das redes sociais como plataforma estratégica de campanha pela maioria das candidaturas femininas durante as eleições brasileiras de Outubro de 2018.

Longe de serem exclusividade brasileira, os desafios associados à desigualdade de gênero e violência

CONTEÚDO RECOMENDADO

Plano de Ação sobre gênero no Brasil

Artigo do Instituto Igarapé identifica os principais avanços e desafios associados ao Plano de Ação sobre Mulheres, Paz e Segurança, voltado à implementação dos compromissos previstos pela Resolução 1325 do Conselho de Segurança da ONU.

Implementando a agenda sobre “Mulheres, Paz e Segurança” no Brasil



Foto: Ministério da Defesa. Flickr

https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2018/03/2018-03-07-AE-31_Plano-Nacional-Mulheres-web.pdf

contra mulheres são enfrentados por diversos países desenvolvidos e em desenvolvimento. A Embaixadora Irene Giner-Reichl assinala, entretanto, as dificuldades em obter consensos sobre estas agendas em nível multilateral: Para a Embaixadora, a IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em 1995, em Pequim, deu origem ao último grande entendimento multilateral voltado ao combate às desigualdades de gênero e ao empoderamento feminino. A Embaixadora destaca, também, a relevância da Resolução 1325, adotada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas em 2000 - a qual reconheceu os impactos diferenciados de conflitos armados sobre mulheres, bem como a contribuição feminina na resolução de conflitos e manutenção da paz. Apenas recentemente, porém, o Brasil teria adotado um “Plano Nacional de Ação sobre Mulheres, Paz e Segurança”, voltado à implementação dos compromissos assumidos pela Resolução 1325, integrando perspectivas de gênero em todas as fases dos processos de promoção e construção da paz.

Finalmente, Irene Giner-Reichl enfatiza a relação intrínseca entre gênero e sustentabilidade, lembrando os efeitos diferenciados da mudança do clima sobre as mulheres - por exemplo, na forma de eventos extremos e insegurança alimentar. Neste sentido, a Embaixadora assinala a transversalização de gênero observada nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - que abordam o tema principalmente através do ODS 5, cujas metas incluem “garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública”, bem como “eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas”.



“

(Igualdade de Gênero) não é apenas sobre filantropia ou responsabilidade social corporativa, é também uma questão de negócios.”

- Ann O’Dea

“

Quando pensamos em mulheres, precisamos pensar também em mulheres negras, indígenas, com deficiências.”

- Debora Albu

“

Quando discutimos políticas para sustentabilidade, precisamos lembrar que a mudança do clima surte efeitos distintos para mulheres e homens, como resultado de sociedades em que há discriminação contra mulheres.”

- Irene Giner-Reichl

“

O desafio é usar tecnologias não apenas para consumir de forma inteligente, mas para produzir e gerar benefícios a comunidades. O mote é empoderamento digital.”

- Luisa Ribeiro

“

A violência online se baseia nos mesmos mecanismos perniciosos que o mundo real, refletindo expectativas sociais com relação ao comportamento e papel de mulheres.”

- Renata Giannini



Biografias

Ann O’Dea

Ann O’Dea é CEO e co-fundadora do *Silicon Republic*, principal periódico sobre tecnologia e inovação da Europa. Em 2013, O’Dea lançou a campanha *Women Invent da Silicon Republic*, voltado a promover a participação feminina em ciência, tecnologia, engenharia e matemática (“STEM”). Recebeu, em 2015, prêmio da Sociedade Irlandesa de Computação por seu trabalho com liderança feminina em STEM. É membro do Conselho Consultivo do *Digital Youth Council* e do *Teen Turn*.

Debora Albu

Mestre em Gênero, Desenvolvimento e Globalização pela London School of Economics and Political Science (LSE), Debora Albu é pesquisadora no Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS Rio). Foi assistente de pesquisa do Centro de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas e do BRICS Policy Center do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. Seus principais interesses de pesquisa são estudos de gênero, movimentos feministas e estudos de desenvolvimento e tecnologia.

Embaixadora Irene Giner-Reichl

Atual Embaixadora da Áustria no Brasil, Irene Giner-Reichl é membro do Serviço Diplomático da Áustria desde 1982. Foi diretora do departamento internacional do Ministério do Meio-Ambiente da Áustria e Diretora-Geral do Ministério de Assuntos Europeus e Internacionais, além de Representante-Geral da Áustria junto à ONU, IAEA, e UNIDO. Serviu, ainda, como Embaixadora da Áustria na China e Mongólia. É Presidente do *Global Forum for Sustainable Energy* (GFSE) e fundadora da *Global Women’s Network for the Energy Transition* (GWNET).

Luisa Ribeiro

Formada em Engenharia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com especialização em *Transformational Leadership* pela Universidade de Oxford, Luisa fundou uma das primeiras aceleradoras de *startups* da América Latina. Foi consultora na Accenture e trabalhou na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Atualmente, é CEO da organização social *Recode*.

Monique Sochaczewski

Monique Sochaczewski é Coordenadora Acadêmica e de Projetos do CEBRI. Doutora em História, Política e Bens Culturais pelo CPDOC-FGV (2012), atuou muitos anos como professora do CPDOC e coordenadora do MBA em Relações Internacionais da FGV-Rio, bem como professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Militares da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). É autora do livro "Do Rio de Janeiro a Istambul: Contrastes e Conexões entre o Brasil e o Império Otomano (1850-1919)", publicado pela FUNAG em 2017.

Renata Giannini

Coordenadora de Segurança Pública e Justiça no Instituto Igarapé, Renata Giannini é doutora em estudos internacionais pela Old Dominion University (Norfolk/Estados Unidos) e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (Unsp/Unicamp/PUC-SP). Suas últimas publicações são sobre gênero e operações de paz, o Brasil e a agenda gênero, paz e segurança, capacidade civil, perspectivas latino-americanas a operações de paz e assistência humanitária internacional.



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Presidente

José Pio Borges

Presidente de Honra

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

José Luiz Alquéres

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Tomas Zinner

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Celso Lafer

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Roberto Teixeira da Costa

Rubens Ricupero

Diretora Executiva

Julia Dias Leite

Conselho Curador

Aldo Rebelo

André Clark

Anna Jaguaribe

Armando Mariante

Arminio Fraga

Carlos Mariani Bittencourt

Cláudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Gelson Fonseca Jr.

Henrique Rzezinski

Joaquim Falcão

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

José Roberto Castro Neves

Luiz Fernando Furlan

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcelo de Paiva Abreu

Marcos Galvão

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida Braga

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Ronaldo Veirano

Sérgio Quintella

Sérgio Amaral

Vitor Hallack

Winston Fritsch

Conselho Internacional

Albert Fishlow

Alfredo Valladão

Andrew Hurrell

Felix Peña

Julia Sweig

Kenneth Maxwell

Leslie Bethell

Marcos Caramuru

Marcos Jank

Monica de Bolle

Sebastião Salgado

ASSOCIADOS

Em fevereiro de 2019



Sócios Individuais

Adriano Abdo
Álvaro Augusto Dias Monteiro
Álvaro Otero
Arminio Fraga
Carlos Leoni de Siqueira
Carlos Mariani Bittencourt
Celso Lafer
Claudine Bichara de Oliveira
Daniel Klabin
Décio Oddone
Eduardo Marinho Christoph
Eduardo Prisco Ramos
Fernando Bodstein
Fernando Cariola Travassos
Fernão Bracher
Frederico Axel Lundgren
Gilberto Prado
Henrique Rzezinski
Jaques Scvirer
João Felipe Viegas Figueira de Mello
João Roberto Marinho
José Francisco Gouvêa Vieira
Larissa Wachholz

Leonardo Coelho Ribeiro
Marcelo Weyland Barbosa Vieira
Marcio João de Andrade Fortes
Maria Pia Mussnich
Mauro Ribeiro Viegas Neto
Mauro Viegas Filho
Najad Khouri
Paulo Ferracioli
Pedro Brêtas
Pedro Leitão da Cunha
Ricardo Haddad
Ricardo Levisky
Roberto Abdenur
Roberto Amadeu Milani
Roberto Guimarães Martins-Costa
Roberto Pereira de Almeida
Roberto Prisco Paraiso Ramos
Roberto Teixeira da Costa
Rosana Lanzelotte
Stelio Marcos Amarante
Thomas Trebat
Tomas Zinner
Vitor Hallack
Winston Fritsch



CENTRO BRASILEIRO DE
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde 1998, o *think tank* de referência em relações internacionais no Brasil. Eleito em 2018 o terceiro melhor da América do Sul e Central pelo índice global do Think Tanks and Civil Societies Program da Universidade de Pensilvânia.

www.cebri.org